



Formação em Agroecologia nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais

Claudenir Fávero¹
Aremita Aparecida Vieira dos Reis²
Carlos Henrique Silva Souza³
Paula Ribeiro Guimarães⁴
Bruna Lara Alvarenga Barros⁵
Luíza Rachel Alves Salgado Costa⁶

¹ Docente do Departamento de Agronomia (FCA), coordenador do NAC/UFVJM.
parana@ufvjm.edu.br

² Engenheira florestal, profissional-bolsista do CNPq. aremitareis@yahoo.com.br

³ Engenheiro florestal, profissional-bolsista da Fapemig. carlos.floresta@yahoo.com.br

⁴ Discente da graduação em Agronomia, bolsista do CNPq. paularibgui@yahoo.com.br

⁵ Discente da graduação em Engenharia Florestal, bolsista do Pibex/UFVJM (até
02/2013) e do CNPq. bruna_lara1@hotmail.com

⁶ Discente da graduação em Engenharia Florestal, bolsista do Proext/SESu/MEC.
lulurachael@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho, é relatada a experiência de formação em Agroecologia realizada, desde 2011, pelo Núcleo de Agroecologia e Campesinato da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). A criação do Grupo Aranã de Agroecologia, em 2005, por estudantes de Ciências Agrárias; o oferecimento da disciplina Agroecologia como eletiva/optativa aos estudantes dos cursos de graduação em Ciências Agrárias, a partir de 2007; a interação com organizações e movimentos sociais dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri proporcionada pelo evento institucional de extensão denominado *Semana Envolver*, iniciado em 2008; e a execução de projetos de pesquisa e extensão referenciados na Agroecologia foram os precursores do processo de formação que se assenta em três estratégias: realização de *oficinas internas*, realização de *seminários regionais* e promoção de *encontros de intercâmbio*. Desde o início de 2011, foram realizadas quatorze oficinas internas, seis seminários regionais, cinco encontros de intercâmbio, além de três oficinas em comunidades camponesas, atendendo a demandas específicas.

Palavras-chave: Campesinato; Povos tradicionais; Conhecimento agroecológico.



Introdução

A Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) foi instituída em 2005, a partir da transformação das Faculdades Federais Integradas de Diamantina (Fafeid) em universidade. Desde 2002, a Faculdade de Ciências Agrárias (FCA) da UFVJM, na época integrante da Fafeid, oferece três cursos de graduação: Agronomia, Engenharia Florestal e Zootecnia.

Os Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) e as estruturas curriculares dos cursos de Ciências Agrárias da UFVJM foram concebidos e estruturados seguindo a mesma lógica que predomina nos cursos similares das universidades brasileiras em geral, tendo como referência o pacote tecnológico advindo da Revolução Verde, baseado na intensa utilização de insumos, equipamentos e processos industriais na agricultura.

Em 2005, após contatos de alguns estudantes com movimentos sociais e organizações ligadas ao movimento agroecológico, foi criado o Grupo Aranha de Agroecologia, constituído, inicialmente, por estudantes vinculados aos cursos de Ciências Agrárias. A partir de 2007, com a incorporação à FCA de docentes com trajetória na Agroecologia, passou a ser oferecida aos três cursos de Ciências Agrárias, como optativa/eletiva, a disciplina Agroecologia.

No ano de 2008, passou a ser realizado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) da UFVJM um evento de extensão denominado *Semana Envolver – envolvimento com os Vales do Jequitinhonha e Mucuri*. As atividades realizadas na *Semana Envolver* — oficinas, cursos, debates, apresentação de experiências — propiciaram a aproximação e interação de professores, técnicos e estudantes da UFVJM com movimentos sociais e organizações dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e com a realidade vivenciada por eles. Como decorrência dessa aproximação/interação, começaram a ocorrer algumas parcerias para a realização de estágios e a execução de projetos de pesquisa e extensão. Da mesma forma, professores e técnicos da UFVJM passaram a participar dos eventos e fóruns que congregam as organizações e movimentos sociais da região.

Essa caminhada possibilitou as condições para que, em 2011, com a aprovação do projeto *Contribuição ao fortalecimento da Agroecologia e do campesinato nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, MG* (Edital 58/2010 – MDA/SAF/CNPq), fosse criado o Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC) da UFVJM e iniciado um processo de formação em Agroecologia envolvendo professores, estudantes e técnicos da UFVJM,



técnicos de organizações de apoio, assessoria, assistência técnica e extensão rural, lideranças de diversas expressões do campesinato dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, incluindo povos tradicionais indígenas e quilombolas. Esse processo foi potencializado com a aprovação do projeto *Contribuição na formação em Agroecologia e na produção do conhecimento agroecológico nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri*” no Edital 04/2011 do Proext – MEC/SESu e no Edital Fapemig 07/2011 (apoio a projetos de extensão em interface com pesquisa).

Neste trabalho, será relatada essa experiência de formação em Agroecologia levada a cabo pelo NAC/UFVJM, juntamente com o Grupo Aranã de Agroecologia e diversas organizações parceiras dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

1. O contexto da experiência

Os Vales do Jequitinhonha e Mucuri, em Minas Gerais, estão localizados na porção nordeste do Estado. Com uma população de mais de um milhão e cem mil habitantes (IBGE, 2010), a região apresenta destacada diversidade social, cultural, econômica e ambiental (campos rupestres, cerrados, caatingas, mata atlântica) com expressiva presença da agricultura familiar camponesa. Segundo dados do IBGE (2010), a população residente no meio rural representa 36,37% do total. No entanto, se forem considerados os moradores das sedes dos distritos, e mesmo das sedes municipais, que mantêm relações com as atividades agropecuárias, mais de 50% da população dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri habitam ou realizam atividades econômicas no meio rural.

A rica cultura dos vales vai muito além das expressões da arte (música, festas folclóricas, artesanato), ela se manifesta no “modo de vida” das populações locais (quilombolas, indígenas, chapadeiros, catingueiros, ribeirinhos) que habitam e coabitam estes ecossistemas há séculos (FAVERO, 2007, p. 15).

A região dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri tem, como primeiros ocupantes, diversas etnias de povos indígenas: *Maxacalis*, *Aranã*, *Mocurin*, *Krenak*, *Pataxó* e muitas outras que foram invisibilizadas pela história oficial (SOARES, 2010). A chegada dos colonizadores — e a conseqüente subjugação, expulsão e massacre desses povos nativos — se deu, basicamente, por duas frentes de ocupação: pelas porções mais altas do território (Alto Jequitinhonha/Serra do Espinhaço) e pela foz dos rios Jequitinhonha e Mucuri. Seguindo a Serra do Espinhaço à procura de pedras preciosas



(inicialmente, ouro; depois, diamante), os colonizadores chegaram até a região de Serro e Diamantina no Alto Jequitinhonha. A navegabilidade apresentada, à época, pelos rios Jequitinhonha e Mucuri abrindo as possibilidades de se chegar às riquezas naturais do território, em um primeiro momento, e, posteriormente, o estabelecimento de rotas de comercialização levaram os colonizadores a adentrarem a região pelos seus leitos.

A região de Diamantina foi uma das regiões brasileiras com maior presença de negros escravizados, principalmente no período do Regimento Diamantino. Segundo Machado Filho (1985, p. 20) “Até 5.000 escravos chegaram a ser empregados nos serviços de Extração”. Após o fim do cativeiro, os negros que não estavam aglutinados em quilombos se dispersaram em busca de um local, o mais distante e de difícil acesso possível, em que pudessem obter os meios e as condições de manutenção de suas vidas. Em alguns casos, aglutinaram-se e fizeram a ocupação e o uso de um determinado local por um grande coletivo de pessoas. Em outros, constituíram famílias menores ocupando e fazendo uso das áreas de forma mais esparsa. Isso ocorreu não apenas na região de Diamantina (Alto Jequitinhonha), mas em toda a região dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Contribuíram para a ocupação mais recente da região os fluxos migratórios de outras regiões do Estado de Minas Gerais e de outros estados do Brasil, facilitados pela presença da Ferrovia Bahia-Minas (1882–1966), que ligava a cidade de Araçuaí (Médio Jequitinhonha) ao litoral pelo Vale do Mucuri; e pela construção, na primeira metade do século XX, da rodovia BR–116 (ligando a Região Sudeste à Região Nordeste do Brasil), que corta os Vales do Jequitinhonha e Mucuri em suas porções medianas.

Em função da presença histórica e dos processos de ocupação desencadeados pelos colonizadores, a diversidade étnica, cultural e de organização social da agricultura familiar camponesa presente nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri inclui comunidades tradicionais originadas por indígenas, afrodescendentes e imigrantes de diversas regiões do Brasil, mas, sobretudo, pela miscigenação destas.

Pela expressão de suas riquezas naturais (pedras preciosas, biodiversidade, recursos hídricos, rochas raras, etc.), desde o início da colonização europeia os Vales do Jequitinhonha e Mucuri são vistos como locais de extração e expropriação. Nas últimas décadas, sob o estigma de *Vales da pobreza*, órgãos públicos e empresas privadas têm proposto e implementado projetos visando à promoção do desenvolvimento dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri na lógica dos grandes empreendimentos que continuam a expropriar as riquezas naturais dos vales, agravando as desigualdades econômicas e



sociais.

O Governo do Estado de Minas Gerais definiu que a vocação do Vale do Jequitinhonha é a produção de energia (hidroelétrica e carvão-combustível) para abastecer o polo siderúrgico do Estado, além de produtor de matéria prima para as empresas de celulose e papel, e tem fomentado iniciativas nesse sentido. Como compensação ambiental, tem apoiado a criação e implantação, na região, de Unidades de Conservação (FAVERO, 2007, p. 15).

Recentemente, aproveitando-se da permissividade da legislação minerária brasileira e com a aquiescência estatal, tem ocorrido o avanço de grandes empresas mineradoras sobre territórios tradicionais da região. No mesmo sentido, e seguindo a lógica da compensação ambiental, é crescente o número de áreas protegidas criadas pelos órgãos ambientais estatais, especialmente, unidades de conservação de proteção integral.

No que diz respeito à porção meridional da Serra do Espinhaço em Minas Gerais, foram criados, nos últimos 16 anos, seis parques e uma estação ecológica. Em relação aos parques, cinco são estaduais (Rio Preto, Serra Negra, Pico do Itambé, Biribiri e Serra do Cabral); e um é federal (Sempre-vivas). A extensão total das sete unidades de proteção integral chega a 197.396 hectares (IEF/MG, 2009), que agregados às zonas de amortecimento (ou zonas tampão), em alguns casos se sobrepondo, atingem 865.100 hectares, o que representa 1,47% do território do Estado (MONTEIRO, 2011, p. 147).

Apesar da concentração fundiária e da expropriação territorial provocada pelas áreas protegidas e pelos grandes empreendimentos minerários; e de o hidro e o agronegócio representarem uma ameaça à reprodução social das famílias camponesas dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, estas resistem e são as principais responsáveis pela dinamização econômica da maioria dos municípios da região. A maior expressão dessa dinamização econômica são as feiras livres que ocorrem em praticamente todas as cidades e povoados da região.

Essas famílias produzem alimentos para consumo, venda, trocas cerimoniais e comunitárias; mas não produzem exclusivamente para comércio e, por isso, os indicadores de renda da região sempre são situados entre os mais baixos do País (RIBEIRO, 2007. p. 38).

Na maioria dos sistemas de produção da agricultura familiar camponesa dos vales, há notável diversificação de produtos, uma vez que os sistemas são voltados tanto para o consumo como para a comercialização nas feiras livres locais. A multiplicidade de práticas agrícolas adotadas retrata os saberes e as formas de viver e organizar das populações camponesas. Essas populações construíram historicamente formas próprias de interação e convivência com os ambientes em que habitam. No entanto, devido à



crecente minifundização ocasionada pela repartição das terras entre os descendentes e a expropriação territorial exercida pelos grandes empreendimentos, tem aumentado a pressão de uso sobre os recursos naturais e a degradação destes.

Por outro lado, na região dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, a agricultura familiar camponesa sofreu pouco impacto da modernização agrícola brasileira iniciada nos anos 1960/70. Os camponeses dessa região tiveram pouco ou nenhum contato com o pacote tecnológico da Revolução Verde. Os sistemas de produção camponeses são, em sua maioria, assentados na utilização de materiais genéticos adaptados, multiplicados, melhorados e conservados pelos próprios agricultores (variedades e raças crioulas); na diversidade de espécies (introduzidas e nativas) e de arranjos produtivos no espaço e no tempo; e em práticas e estratégias baseadas nos saberes tradicionais acumulados e transmitidos pelas sucessivas gerações.

2. Os fundamentos e princípios

As dinâmicas impulsionadas pela perspectiva agroecológica, no Brasil, permitem afirmar que a Agroecologia se manifesta como uma ciência, um movimento e uma prática. Como uma *ciência*, está sendo construída a partir de concepções, princípios e métodos diferenciados da ciência cartesiano-positivista; como um *movimento*, levado a cabo por um amplo conjunto de organizações e movimentos sociais, contrapõe-se, frontalmente, ao agronegócio; e como uma *prática*, vivenciada, experimentada, é transmitida, inovada, (re)inventada por agricultores e agricultoras em diferentes condições e realidades por todo o território brasileiro, utilizando ou não esta denominação.

Partimos da concepção de que

[...] a Agroecologia é entendida como enfoque científico, teórico, prático e metodológico, com base em diversas áreas do conhecimento, que se propõe a estudar processos de desenvolvimento sob uma perspectiva ecológica e sociocultural e, a partir de um enfoque sistêmico, adotando o agroecossistema como unidade de análise, apoiar a transição dos modelos convencionais de agricultura e de desenvolvimento rural para estilos de agricultura e de desenvolvimento rural sustentáveis (ABA, 2004).

Incorporamos a perspectiva agroecológica de campesinato que Guzmán e Molina (2005) nos trazem, a saber:

[...] o campesinato é, mais que uma categoria histórica ou sujeito social, uma forma de manejar os recursos naturais vinculada aos



agroecossistemas locais e específicos de cada zona, utilizando um conhecimento sobre tal entorno condicionado pelo nível tecnológico de cada momento histórico e o grau de apropriação de tal tecnologia”

E corroboramos com Petersen *et al.*, (2009), para quem a:

articulação entre as trajetórias da Agroecologia nas instituições acadêmicas e nas organizações da sociedade civil apresentam-se, na atual conjuntura histórica, como desafio central para que o paradigma agroecológico seja ampla e efetivamente incorporado como eixo norteador de transformações da agricultura brasileira e dos caminhos do desenvolvimento rural.

Assim, propomos-nos a encarar o desafio de trabalhar a formação em Agroecologia nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Sabemos das dificuldades de se contrapor à hegemonia da educação voltada para o agronegócio, presente na formação dos profissionais de Ciências Agrárias da UFVJM, mas contamos com a experiência e a vivacidade de um conjunto de organizações e movimentos sociais atuantes nos vales e, sobretudo, com as diferentes expressões do campesinato que se manifestam nessa região.

Além do desafio de se contrapor à hegemonia da educação voltada para o padrão tecnológico da Revolução Verde, outro desafio com que nos deparamos são os métodos de educação predominantes na universidade, pelos quais é atribuído o poder de verdade absoluta aos conhecimentos advindos dos métodos científicos cartesiano-positivistas e mantida uma educação “bancária”¹ aos estudantes, orientada por uma concepção difusionista do conhecimento e da tecnologia que desconsidera os saberes e práticas acumulados pelos camponeses.

Apregoa-se a divisão entre o trabalho manual e o intelectual; o trabalho é posto como alienação da vida; há uma confiança excessiva na tecnologia e pouca reflexão sobre as contradições da tecnologia adotada; predomina uma visão produtivista e imediatista da produção agrícola; prevalece uma percepção atomista e/ou reducionista da realidade em detrimento de uma visão holística e sistêmica; é dada ênfase ao técnico-produtivo e pouca atenção a processos de desenvolvimento; o meio ambiente é encarado unicamente como meio inesgotável para a extração de riquezas; os conhecimentos produzidos e disseminados sobre manejo agrícola são limitados no que se refere ao complexo funcionamento dos agroecossistemas; há uma deficiente formação nos temas relacionados à Ecologia e aos conhecimentos das Ciências Humanas e Sociais; e a concepção de *ensino* e *educação* se assenta na ótica do treinamento e adestramento para o mercado de

¹ Segundo o educador Paulo Freire, nesse tipo de educação “[...] os comunicados são os ‘significados’ que, ao se esgotar em seu dinamismo próprio, transformam-se em conteúdos estáticos, cristalizados. Conteúdos que, à maneira de petrificações, um sujeito deposita nos outros, que ficam impedidos de pensar, pelo menos de forma correta” (FREIRE, 1983, p. 45).



trabalho (AGUIAR, 2010, p. 4).

A nossa perspectiva é a do *profissional educador* e da interação dos conhecimentos acadêmico-científicos com os saberes camponeses e tradicionais na construção do conhecimento e da inovação tecnológica agroecológicos. Nessa perspectiva, não existe “gaveta vazia“, ou seja, na interação professor-estudante e na interação técnico-camponês, ninguém é desprovido de saberes e/ou sabedorias que não possa interagir na construção do conhecimento novo.

Nesse sentido, buscamos elementos metodológicos no *socioconstrutivismo* (AUSUBEL *et al.*, 1980), no *sociointeracionismo* (VIGOTSKY, 1984), na *pedagogia emancipatória* (FREIRE, 1992), na *ecologia de saberes* (SANTOS, 2006) e na *pesquisa-ação* (BARBIER, 2007). As ações realizadas partem, necessariamente, do contexto social, cultural, econômico, político e ambiental dos sujeitos envolvidos. Em todas as atividades educativo-formativas, utilizamos métodos participativos que propiciem aos envolvidos se expressarem de acordo com a perspectiva de cada um. Na medida das possibilidades e contextos, são usadas técnicas e dinâmicas que incorporam imagens, símbolos, músicas, poesias e outros elementos lúdicos que facilitem a expressão e a interação entre os participantes.

3. O processo de formação

3.1. Antecedentes

Embora os cursos de Ciências Agrárias da UFVJM (Agronomia, Engenharia Florestal e Zootecnia) tenham sido criados em 2002, até 2005 não havia referências à Agroecologia no interior dessa universidade. Com a criação do Grupo Aranhã de Agroecologia, em outubro de 2005, os estudantes vinculados a ele começaram a promover debates e reflexões e fomentar iniciativas que propagassem a Agroecologia e incorporassem outros estudantes e professores a elas.

Essas iniciativas foram impulsionadas com a criação, no primeiro semestre de 2007, da disciplina Agroecologia, oferecida como optativa/eletiva para os estudantes dos três cursos de Ciências Agrárias. Desde então, a disciplina passou a ser oferecida regularmente, sendo o principal espaço de educação formal existente na UFVJM como parte da estrutura curricular de cursos de graduação. Praticamente, todos os estudantes



do Grupo Aranhã de Agroecologia, vinculados aos cursos de Ciências Agrárias, fazem a disciplina, além daqueles que não são vinculados ao grupo. Um fragmento do Plano de Ensino da disciplina está apresentado no Quadro 1.

Ao mesmo tempo, começaram a ser executados projetos de pesquisa e extensão referenciados na Agroecologia, com participação de estudantes, bolsistas e voluntários, em sua maioria oriundos do Grupo Aranhã de Agroecologia. Merece destaque o projeto *Formação de monitores de Escolas Famílias Agrícolas de Minas Gerais em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, aprovado no Edital MCT/CNPq/MDA/SAF/MDS/Sesan - nº 36/2007, executado entre 2007 e 2010 em parceria com a Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas (Amefa), envolvendo as dezoito Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) existentes em Minas Gerais, na época, sendo oito delas localizadas nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Esse projeto contou também com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex/UFVJM), instituído em 2008. Alguns aspectos desse processo de formação estão relatados em trabalho apresentado no *Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA)* de 2009 (FAVERO *et al.*, 2009). A experiência está cadastrada no Agroecologia em Rede (agroecologiaemrede.org.br).

Com o início da realização da *Semana Envolver* pela Proexc/UFVJM, em 2008, conforme já referido neste texto, e a interação de estudantes, técnicos e professores com as organizações dos vales, notadamente os estudantes ligados ao Grupo Aranhã de Agroecologia, estes passaram a participar e contribuir na organização de eventos promovidos por essas organizações, como o *Curso de realidade brasileira e dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri*, o Estágio Interdisciplinar de Vivência em Minas Gerais e o curso de extensão *Agroecologia e as realidades dos vales*. Passaram também a participar de fóruns que congregam essas organizações, especialmente o Fórum dos Movimentos Sociais do Vale do Jequitinhonha.

3.2. A formação em curso

O caminho anteriormente percorrido, os laços de confiança e compromisso estabelecidos com diversas organizações e movimentos sociais dos vales, o acúmulo interno e o aporte de recursos financeiros e bolsas, a partir da aprovação de projetos nos Editais do MDA/SAF/CNPq nº 58/2010, do Proext – MEC/SESu nº 04/2011, da Fapemig nº 07/2011 e do Pibex/UFVJM nº 2011 e 2012, possibilitaram a criação do



NAC/UFVJM e o desencadeamento, juntamente com diversas organizações e movimentos sociais parceiros², de um processo de formação em Agroecologia assentado em três estratégias, conforme descrito a seguir.

- ***Realização de oficinas internas, envolvendo estudantes, técnicos e professores da UFVJM***

As oficinas, realizadas durante os períodos letivos, têm como objetivo o aprofundamento sobre temas que fundamentam a Agroecologia e o campesinato nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Nas oficinas, são abordados aspectos teóricos e práticos dos temas geradores. São momentos educativos com enfoque na socialização/construção do conhecimento, reflexão contextualizada e apropriação de instrumentos e metodologias. Sempre que possível, as oficinas contam com a presença de lideranças camponesas e/ou técnicos convidados que trazem suas contribuições e experiências para enriquecer as reflexões sobre o tema em pauta. Inicialmente, a definição dos temas abordados e a participação nas oficinas estavam mais circunscritas ao âmbito do Grupo Aranã de Agroecologia. Com o tempo, outras organizações estudantis foram se incorporando ao processo, como a Associação Brasileira dos Estudantes de Engenharia Florestal, a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil, o Grupo Retalhos de Fulô (grupo estudantil feminista ligado à Marcha Mundial das Mulheres) e o Coletivo Estudantes em Movimento da UFVJM. A meta é a realização de três oficinas por período letivo (semestre), mas tem variado de acordo com as circunstâncias de cada período. As oficinas efetuadas desde o início de 2011, com os respectivos temas abordados, podem ser verificadas no Quadro 2, em que estão relacionadas as atividades executadas em ordem cronológica. Em função de demandas específicas, foram realizadas três oficinas em comunidades camponesas: comunidades quilombolas Mata dos Crioulos e Vargem do Inhaí, município de Diamantina (*Direitos de comunidades quilombolas e cartografia social*), e comunidade Boa Esperança, município de Carai (*Controle alternativo de pragas e doenças*).

- ***Realização de seminários regionais, envolvendo estudantes, técnicos e***

² Associação Regional Mucuri de Cooperação dos Pequenos Agricultores (Armicopa); Associação dos Moradores e Amigos de Ítinga (Amai); Associação Indígena Pankararu Pataxó (Aippa) - Aldeia Cinta Vermelha Jundiba; Associações Comunitárias das Comunidades Quilombolas Baú (Araçuaí), Mata dos Crioulos e Vargem do Inhaí (Diamantina); Cáritas Diocesana de Almenara; Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV); Comissão em Defesa dos Direitos das Comunidades Extrativistas (Codecex) - Alto Jequitinhonha/Serra do Espinhaço; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) - Regional Rosinha Maxacali; e Visão Mundial - Programa de Desenvolvimento de Área (PDA - Ponto dos Volantes).



professores da UFVJM, técnicos e lideranças camponesas das organizações e movimentos sociais parceiros

Os seminários regionais são momentos de aprofundamentos teóricos, reflexões e debates acerca de temas relacionados à Agroecologia e que estejam na pauta das organizações e movimentos sociais parceiros. O tema de cada seminário é definido em conjunto com os parceiros. Dependendo do local em que seja realizado o seminário, são efetuadas visitas a experiências relacionadas ao tema. A meta é a realização de um seminário por semestre de forma itinerante pela região. No primeiro semestre de 2013, foram executados dois seminários, um deles como parte da Campanha Permanente contra o Uso de Agrotóxicos e Pela Vida (*Construindo a Agroecologia na universidade*) oferecido no *campus* da UFVJM em janeiro (Quadro 2).

- ***Promoção de encontros de intercâmbio entre estudantes, técnicos, professores e camponeses***

Os encontros de intercâmbio são momentos de compartilhamento de experiências relacionadas a aspectos produtivos, organizativos, de comercialização, de acesso/execução de políticas públicas, de resistência/convivência com adversidades de diversas naturezas, de luta por terra e território, etc. A realização de encontros de intercâmbio é uma prática comum entre as organizações parceiras. A estratégia é fomentar e potencializar iniciativas nesse sentido e promover outras em função das demandas e necessidades. Desde o primeiro semestre de 2011, a partir de iniciativas do NAC/UFVJM ou com sua contribuição, foram realizados cinco encontros de intercâmbio relacionados a questões específicas das diversas expressões do campesinato nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (Quadro 2).

4. Considerações

Em que pese aos desafios e às dificuldades de se promover uma formação na “contracorrente” da formação profissional hegemônica, esse processo tem conseguido envolver uma quantidade considerável de participantes (foram 1.265 participações desde 2011 - Quadro 2), sendo profícuo e exitoso em vários aspectos: na sedimentação de conceitos, percepções e práticas agroecológicas por estudantes, técnicos e professores da UFVJM, por técnicos de organizações de apoio, assessoria, assistência técnica e extensão rural atuantes nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e por lideranças camponesas; na interação de conhecimentos e saberes entre todos os envolvidos nos



momentos de formação, com destaque para o intercâmbio de experiência entre os envolvidos; no fortalecimento das lutas específicas das diversas expressões do campesinato nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri; e no fortalecimento dos laços de parceria e compromisso entre o NAC/UFVJM e as organizações e movimentos sociais aliados.

Entre os resultados mais evidentes desse processo de formação, podemos destacar: a presença de vários profissionais egressos da UFVJM, que participaram do processo, fazendo parte das equipes das organizações parceiras dos vales; a realização do Estágio Interdisciplinar de Vivência Regional pelo Grupo Aranã de Agroecologia e diversas outras organizações estudantis da UFVJM, em parceria com organizações e movimentos sociais dos vales, em sua segunda edição, em 2013; e o reconhecimento do NAC enquanto referência em Agroecologia, tanto pelas organizações e movimentos sociais dos vales como internamente, na UFVJM. Um dos maiores indicadores desse reconhecimento ocorreu em 2012, no momento de dissolução de uma das mais antigas e atuantes organização de assessoria e apoio da região, o Centro de Assessoria aos Movimentos Populares do Vale do Jequitinhonha (Campo-Vale). A assembleia de dissolução da organização decidiu pela doação de todo o seu acervo bibliográfico e documental à UFVJM, sob os cuidados do NAC. O referido acervo reúne uma rica documentação sobre as lutas e as experiências camponesas no Vale do Jequitinhonha e está disponível para consulta pública no espaço ocupado pelo NAC no *campus* da UFVJM em Diamantina.

Agradecimentos

Aos integrantes do Grupo Aranã de Agroecologia, aos técnicos e lideranças das organizações e movimentos sociais dos vales pela caminhada em parceria; à professora Maria Neudes Sousa de Oliveira e à pesquisadora Fernanda Testa Monteiro pelas contribuições nos momentos de formação; à SAF/MDA-CNPq/MCT, ao Proext/SESu/MEC, à Fapemig e ao Pibex/UFVJM pelo apoio financeiro e bolsas concedidas a estudantes e profissionais.

Referências bibliográficas

ABA. *Estatuto da Associação Brasileira de Agroecologia (art. 3º)*, 2004. Disponível



- em: http://www.aba-agroecologia.org.br/aba2/index.php?option=com_content&view=article&id=57&Itemid=69. Acessado em 10 de maio de 2013.
- AGUIAR, M. V. A. *Educação em Agroecologia – que formação para a sustentabilidade?* Rio de Janeiro: Revista Agriculturas, v. 7, p. 4-6, 2010.
- AUSUBEL, D. P.; NOVACK, J. D.; HANNESIAN, C. *Psicologia educacional*. Rio de Janeiro: Interamericano, 1980. 132 p.
- BARBIER, R. *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. 159 p.
- FAVERO, C.; OLIVEIRA, F. L.; PINHEIRO, L. O.; CARVALHO, M. A.; ASSUMPÇÃO, A. B.; MONTEIRO, F. T.; BRAZ, R. L.; TEODORO, R. B.; MASSAD, M. D. S.; SILVA, D. M. N.; SANTOS, L. M. O.; LOURES, R. S. P.; QUEIRÓS, T. D.; SANTOS, I. F.; OLIVEIRA, G. S.; FREITAS, G. V. Formação de monitores de Escolas Famílias Agrícolas de Minas Gerais em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. In: *VI Congresso Brasileiro de Agroecologia e II Congresso Latinoamericano de Agroecologia*, 2009, Curitiba. Anais do VI CBA e II CLA. Porto Alegre: ABA e Socla, 2009. v. único. p. 00945-00949.
- FAVERO, C. *Envolvimento sustentável com os Vales do Jequitinhonha e Mucuri*. Diamantina: Voz de Diamantina, p. 14-15, 26 de maio 2007.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 93 p.
- GUZMÁN, E. S.; MOLINA, M. G. *Sobre a evolução do conceito de campesinato*. São Paulo: Expressão Popular, 2005. 96 p.
- IBGE. *Resultados do Censo 2010*. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=31. Acessado em 10 de novembro de 2010.
- LOURES, R. S. P. *Resgate histórico da construção do conhecimento agroecológico na UFVJM: a experiência do Grupo Aranã*. Diamantina: UFVJM, 2009. 57 p. (Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em Agronomia)
- MACHADO FILHO, A. M. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995. 141 p.
- MONTEIRO, F. T. *Os(as) apanhadores(as) de flores e o Parque Nacional das Sempre-vivas (MG): travessias e contradições ambientais*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. 240 p. (Dissertação de Mestrado)



PETERSEN, P. P.; DAL SOGLIO, F. K.; CAPORAL, F. R. A construção de uma ciência a serviço do campesinato. In: PETERSEN, P. P. (org.) *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 85-103.

RIBEIRO, E. M. Para repensar a história e o desenvolvimento rural do Jequitinhonha. In: RIBEIRO, E. M. (org.) *Feiras do Jequitinhonha: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semiárido de Minas Gerais*. Fortaleza: BNB/UFLA, 2007. p. 29-46.



SANTOS, B.S. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2006. 374 p.

SOARES, G. *Na trilha guerreira dos Borun*. Belo Horizonte: Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2010. 299 p.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. 212 p.



Quadro 1 - Fragmento do Plano de Ensino da disciplina Agroecologia oferecida aos cursos de Ciências Agrárias da UFVJM.

| | | | |
|---|--|-----------------|---|
|  | MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONA E MUCURI PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO | |  |
| PLANO DE ENSINO | | | |
| Disciplina: Agroecologia | | Código: AGR 001 | |
| Curso (s): Agronomia, Engenharia Florestal e Zootecnia | | | |
| Professor Responsável: Claudenir Fávero | | | |
| Pré-requisito (s): Ecologia e Conservação dos Recursos Naturais Uso, Manejo e Conservação do Solo e da Água | | | |
| Créditos | Carga Horária | | |
| | Teórica | Prática | Total |
| 4 | 30 | 30 | 60 |
| Objetivos: | | | |
| Propiciar aos estudantes o acesso a informações e à reflexão crítica sobre as bases, princípios, métodos e técnicas da Agroecologia, o estudo e o contato com experiências e trabalhos científicos sobre sistemas agroecológicos. | | | |
| Ementa: | | | |
| Modelos de Agricultura. Bases e Princípios da Agroecologia. Transição Agroecológica. Construção do Conhecimento Agroecológico. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Práticas e Sistema Agroecológicos. | | | |
| Conteúdo Programático (com respectiva carga horária): | | | |
| | Carga Horária | | |
| | Teórica | Prática | |
| 1. Histórico e Modelos de Agricultura | 4 | 4 | |
| 2. Bases e Princípios da Agroecologia | 2 | 2 | |
| 3. Transição Agroecológica | 2 | 2 | |
| 4. Construção do Conhecimento Agroecológico | 2 | 2 | |
| 5. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável | 2 | 2 | |
| 6. Ciclos Biogeoquímicos na Crosta Terrestre | 2 | 2 | |
| 7. Ciclo do Carbono e de Nutrientes na Agroecologia | 4 | 4 | |
| 8. Processos e Mecanismos de Interação da Biodiversidade em Sistemas Agroecológicos | 4 | 4 | |
| 9. Implantação e Manejo de Sistemas Agroecológicos | 4 | - | |
| 10. Monitoramento e Avaliação de Sistemas Agroecológicos | 4 | - | |
| Visita Técnica | - | 8 | |
| Total | 30 | 30 | |
| | 60 | | |